

INDX apresenta recuo de 0,71% em maio

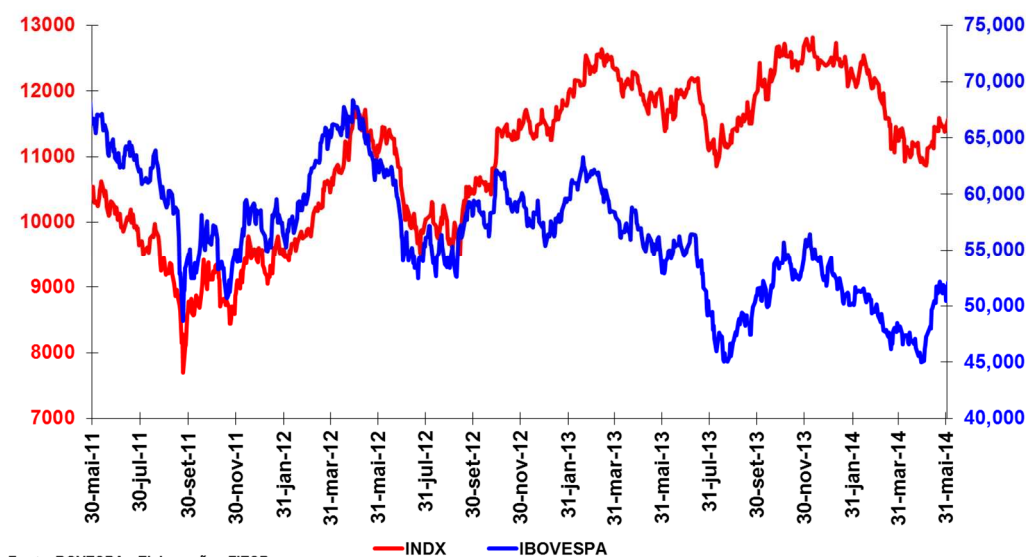
Dados de Maio/14

Número 86 – São Paulo

O Índice do Setor Industrial (INDX), composto pelas ações mais representativas do segmento, encerrou o mês de maio com recuo de 0,71% em relação a abril, chegando a 11.191 pontos. O índice havia recuado 1,56% no mês imediatamente anterior. Para efeito de comparação, o Índice IBEX 50, composto pelas 50 ações mais negociadas na Bovespa, encerrou em 8.632 pontos no mês de maio, apontando recuo de 1,46% ante o resultado de abril, ao passo que o Ibovespa atingiu 51.239 pontos, revelando perda de 0,75%, na mesma base comparativa.

O volume movimentado pelas ações do INDX totalizou R\$ 24,6 bilhões no mês de maio, contra R\$ 27,7 bilhões em abril. Este volume representou 18,40% do total negociado na Bovespa no quinto mês do ano, uma diminuição de 0,04 ponto percentual em relação ao nível registrado no mês imediatamente anterior.

Índices de Ações (Maio/2014)



Evolução dos Fechamentos - Maio			
	INDX	IBrX 50	Ibovespa
No mês (T/T-1)	-0.71%	-1.46%	-0.75%
No ano	-10.75%	-0.72%	-0.52%
Em um ano (T/T-12)	-5.76%	-1.26%	-4.24%

Fonte: Bovespa. Elaboração: Fiesp.

No mercado financeiro, as principais bolsas mundiais registraram, no geral, desempenhos positivos em maio. Os resultados positivos deste mês comparado ao mês imediatamente anterior foram: Merval - Argentina (13,72%), DAX - Alemanha (3,54%), Nasdaq – Estados Unidos (3,11%), Nikkei - Japão (2,29%), S&P – Estados Unidos (2,10%), FSTE – Reino Unido (0,95%), Dow Jones – Estados Unidos (0,82%), CAC – França (0,72%). Em sentido contrário: Ibovespa – Brasil (-0,75%).

Na análise do INDX de maio, considerando os preços dos ativos até o dia 30, as ações que apresentaram as maiores variações positivas foram: 1) MRFG3 (26,4%): atuando no setor de Alimentos Processados; 2) PDRG3 (13,9%): setor de Construção e Engenharia; e 3) CRUZ3 (13,4%): setor de Fumo.

Por outro lado, as maiores variações negativas no mês foram registradas pelas seguintes ações: 1) PMAM3 (-19,1%): setor de Siderurgia e Metalurgia; 2) EZTC3 (-14,8%): setor de Construção e Engenharia; e 3) MNDL3 (-12,9%): setor de Tecido, Vestuários e Calçados.

Principais notícias divulgadas em Maio:

PMI da Indústria de Transformação brasileira recua em abril

O Índice Gerente de Compras (PMI) da Indústria de Transformação do Brasil recuou 1,3 ponto na passagem de março para abril, já expurgados os efeitos sazonais, de acordo com dados divulgados sexta-feira (05/05) pelo instituto Markit. O PMI passou de 50,6 pontos para 49,3 pontos, sendo este resultado o mais baixo em nove meses. Esse indicador sinaliza que a indústria brasileira se encontra na faixa de contração.

As principais contribuições advieram da redução de novos pedidos e, consequentemente, da queda no nível de emprego. Além disso, os setores entrevistados afirmaram que as condições econômicas atuais não favorecem o setor manufatureiro. Entretanto, houve um arrefecimento nos custos ao produtor, o que indica um certo recuo na inflação de custos, apesar do aumento no custo de matérias-primas importadas, devido à desvalorização do real perante o dólar.

De acordo com Andre Loes, economista-chefe do HSBC no Brasil, o resultado reflete a piora nas condições econômicas na passagem do primeiro para o segundo trimestre, resultado que será refletido nas divulgações dos próximos índices econômicos.

Taxa de desemprego dos EUA recua para 6,3% em abril

Foi divulgado na sexta-feira (02/05), pelo Departamento de Estatísticas do Trabalho (BLS), o índice de desemprego dos Estados Unidos, que recuou para 6,3% em abril, dado já ajustado sazonalmente. Em março, a taxa de desemprego era de 6,7%. Foram criados em abril 288 mil postos de trabalho, frente a uma média de 190 mil empregos no acumulado em 12 meses.

A taxa de desemprego entre os homens chegou a 5,9% e, entre as mulheres, o resultado foi de 5,7%. Os principais setores que contribuíram para esse resultado foram serviços e setor industrial, ambos com criação de 55 mil empregos.

Os resultados do mercado de trabalho dos Estados Unidos mostram a retomada da atividade econômica depois do longo inverno, que prejudicou diversos setores da economia e, ademais, reforçam a retirada dos estímulos monetários pelo Banco Central americano (FED), já que o mercado de trabalho tem exibido revigoração.

PMI da Indústria de Transformação da China aponta ligeiro avanço em abril

O Índice de Gerente de Compras (PMI) da Indústria de Transformação da China continua sinalizando contração, apesar da melhora do índice na passagem de março para abril ao atingir 48,1 pontos, ante 48,0 em março, na base dessazonalizada, de acordo com dados divulgados na manhã de hoje (05/05). O resultado final mostrou-se ligeiramente abaixo da prévia do PMI, de 48,3 pontos em abril.

De acordo com a publicação, a queda nos componentes do PMI foi generalizada, com maior contribuição do item novas encomendas e do nível de emprego, sendo que este último apresentou queda pelo sexto mês consecutivo. Outro indicador que também recuou em abril foi o referente à encomendas para exportação, o que representa bastante na composição do PMI.

De acordo com o economista-chefe do HSBC para a Ásia, Hongbin Qu, os resultados refletem a perda do ímpeto da economia chinesa e que somente as ações tomadas pelo governo para estimular o investimento privado não serão suficientes, o que exige medidas mais fortes por parte de Pequim.

PMI: Produção brasileira cresce ligeiramente em março

O HSBC/Markit divulgou nesta terça-feira (01/04) o Índice de Gerente de Compras (PMI) da indústria do Brasil. De acordo com a leitura atual, o setor deve exibir leve crescimento em março, visto que o índice passou de 50,4 para 50,6 pontos, completando o quarto mês acima dos 50,0 pontos, e, portanto, de expansão da atividade.

As condições operacionais do setor industrial melhoraram pelo quarto mês consecutivo em março, acompanhada pelo aumento da produção e do volume de novos pedidos. Segundo o relatório, a produção não foi mais vigorosa pois o nível de estoque continua no campo de contração, embora sendo ajustado cada vez menos. O destaque ficou por conta da aceleração nas contratações para um ritmo mais elevado em 12 meses.

Dentre as categorias de uso, destaque para a expansão na produção dos bens intermediários, seguida pelos bens de consumo. Já os bens de capital registraram piora, revertendo o bom resultado aferido em fevereiro.

PMI da Zona do Euro avança em abril

O Índice de Gerente de Compras (PMI) composto da Zona do Euro chegou a 54 pontos em abril, de acordo com dados divulgados hoje (06/05) pelo instituto Markit. O resultado foi o mesmo da prévia e veio acima do índice de março, situado em 53,1 pontos. Com isso, o índice chegou ao seu maior nível desde maio de 2011, resultado que reforça a expectativa de recuperação da Zona do Euro para os anos posteriores.

O Índice de PMI de Serviços, que junto com o PMI da Indústria de Transformação compõe o PMI composto, chegou a 53,1 pontos em abril, o mesmo valor da prévia e acima do resultado do mês passado, quando este chegou a 52,2 pontos. Além das melhores condições no clima de negócios, novas encomendas também ajudaram a elevar o PMI de Serviços nas economias da Zona do Euro. Os destaques desse mês vão para os países periféricos, como Irlanda e Espanha, que apresentaram crescimento pelo 86º e 85º mês seguido, respectivamente.

O PMI da Indústria de Transformação da Zona do Euro chegou a 53,4 pontos em abril, ante 53,3 da prévia e 53,0 pontos em março. Os destaques vão para as novas encomendas, que cresceram em todos os países da Zona do Euro. Entre os países, os destaques no PMI industrial vão para Irlanda e Itália, que cresceram pelo 38º e 36º mês consecutivo.

Segundo o economista-chefe da Markit, Chris Williamson, o resultado do PMI sugere maior crescimento no segundo trimestre em três anos, o que mantém perspectivas positivas em relação a essa área. A Alemanha continua a liderar o crescimento na Zona do Euro por ser a economia mais dinâmica junto à França; entretanto, a França ainda apresenta certa inércia, retirando velocidade do avanço do PMI.

Nova Pesquisa Industrial Mensal mostra recuo de 0,5% na produção em março

A Pesquisa Industrial Mensal (PIM) apresentou recuo de 0,5% da indústria em março em comparação com fevereiro, já expurgados os efeitos sazonais, de acordo com dados divulgados hoje (07/05) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em fevereiro, a variação mostrou-se estável (0,0%) e, em janeiro, o avanço foi de 2,2%, na mesma métrica. Lembrando que essa publicação já apresenta as mudanças metodológicas anunciadas pelo IBGE em abril, cujo objetivo é qualificar melhor os números apresentados.

No acumulado em 12 meses, a indústria apresenta avanço de 2,1% em março, a mesma taxa exibida em fevereiro. Para efeito de comparação, em 2013 a indústria cresceu 2,3% na metodologia nova, enquanto que a anterior apontava elevação de 1,5%. Impactaram nessa nova configuração os setores de Veículos, que na mudança de metodologia fechou 2013 com um avanço de 11,4% ante 7,6% na metodologia precedente, e o setor Farmacêutico, que na anterior terminou 2013 com queda de 9,8%, ante crescimento de 3,3% na atual.

As mudanças na PIM visaram a aumentar a qualidade dos resultados, visto que, apesar do resultado ser uma estimativa de curto prazo, este serve como base para as Contas Nacionais, além de ser o principal indicador para avaliar o desempenho da indústria. A PIM anterior baseava-se na nomenclatura da Classificação Nacional de Atividades Econômicas 1.0 (CNAE), cujo sistema de ponderação estava atrelado à Pesquisa Industrial Anual (PIA) do triênio 1998-2000. Todavia, com a metodologia adotada a partir desse mês, a PIM atual baseia-se na CNAE 2.0, cuja nomenclatura é enquadrada de acordo com as normas do MERCOSUL e na nova ponderação das classes de atividades, estabelecida de acordo com a PIA de 2010.

Com essa mudança metodológica, a lista de produtos analisados passou de 830 para 944 e o número de unidades locais mais que dobrou, de 3700 para 7800 unidades. A Indústria Extrativa elevou sua participação na pesquisa de 5,90% para 11,2% do total da Indústria, devido especialmente à elevação do peso de extração de minério de ferro. Alguns setores foram modificados, já que houve a exclusão de alguns subsetores: por exemplo, no setor de Impressão e Reprodução de Gravações, o subsetor "acabamentos gráficos e serviços de pré-impressão" será considerado no setor de serviços. Já no setor de Fabricação de Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos, houve a absorção dos produtos de eletrodomésticos, a considerada "linha branca", como fogões de cozinha, fornos de micro-ondas, máquinas de lavar e secar, refrigeradores etc. Esses produtos, antes, pertenciam ao setor de Máquinas e Equipamentos. Além disso, houve a incorporação da produção de tablets e novos equipamentos tecnológicos, bem como a descontinuidade de alguns, como a produção de videocassetes. Nas Unidades Federativas, houve a incorporação do Estado de Mato Grosso, cujo maior impacto ocorreu no setor de Alimentos; neste setor, o peso elevou-se para 13,9% na nova ponderação, ante 11,3% na anterior.

A queda de 0,5% em março refletiu-se em duas das quatro categorias econômicas. Entre estas, Bens de Capital e Bens de Consumo Duráveis recuaram 3,6% e 2,5% na passagem de fevereiro a

março, livres de influências sazonais, ao passo que Bens Intermediários e Bens de Consumo Semi e Não Duráveis apresentaram avanço de 0,1% e estabilidade (0,0%), respectivamente. No trimestre findo em março, Bens de Capital e Bens Intermediários apresentaram quedas de 0,9% e 0,6%, enquanto que Bens de Consumo Duráveis e Semi e Não Duráveis avançaram 3,4% e 2,8%, respectivamente.

Entre os ramos pesquisados, a maioria (14, do total de 24) apresentou queda em março. As maiores influências negativas na passagem do mês foram registradas no setor de Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias (-2,9%) e Máquinas e Equipamentos (-5,3%), sendo que esse último eliminou parte do avanço de 12,4% obtido em fevereiro. Outros destaques negativos foram registrados em Produtos Alimentícios (-1,2%), Equipamento de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos (-3,6%) e Metalurgia (-1,2%). Já entre os dez ramos que ampliaram a produção, destaques para Coque, Produtos Derivados de Petróleo e Biocombustíveis (5,4%) e Indústrias Extrativas (2,4%), sendo que o resultado desse último devolve a perda de 1,2% no mês anterior.

Na avaliação do trimestre frente ao mesmo período do ano anterior, a indústria mostrou avanço de 0,4%. Entre outubro e dezembro de 2013, o avanço registrado foi de 0,2% na mesma métrica. Entre as categorias econômicas, no trimestre findo em março, Bens de Capital passou de 7,9% para -0,9%, Bens Intermediários de -0,8% para -0,6%, Bens de Consumo Semi e Não Duráveis de 0,3% para 2,8%, enquanto que Bens de Consumo Duráveis passou de -1,6% para 3,4%.

A divulgação da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física 2.0, que abrange um maior número de unidades locais e produtos, apresentou novos resultados para as atividades industriais, inclusive nos anos anteriores. Em 2013, por exemplo, a produção do setor cresceu 2,3% com base na nova metodologia, ante variação de 1,2% da série precedente. No entanto, os novos números não alteram o prognóstico de fraco desempenho da indústria brasileira. A produção física recuou 0,4% no primeiro trimestre de 2014, em relação ao período imediatamente anterior, e os próximos meses deverão mostrar continuidade do quadro de letargia do setor, tendo em vista uma vasta gama de vetores negativos, tais como a piora dos condicionantes de consumo e investimento, a trajetória de queda da confiança do empresariado e a crise econômica da Argentina.

Inflação ao consumidor chega a 6,28% em abril

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou uma variação de 0,67% em abril, de acordo com dados divulgados hoje (09/05) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O resultado surpreendeu o mercado, que esperava uma alta de 0,79% na leitura atual. Em relação ao mês imediatamente anterior (0,92%), houve clara desaceleração, influenciada pelo grupo de Transportes e Alimentos. No acumulado em 12 meses, todavia, o IPCA acelerou, chegando a 6,28%, ante 6,15% em março.

Dentre os nove grupos que compõem o IPCA, cinco apresentaram decréscimos em suas variações: Artigos de Residência passou de 0,38% em março para 0,20% em abril; Despesas Pessoais passou de 0,79% para 0,31%; Educação desacelerou para 0,03%, ante 0,53%, passada a euforia dos reajustes de material escolar e mensalidades. Por outro lado, Alimentação e Bebidas e Transportes foram os grandes responsáveis pela desaceleração mensal do índice: o primeiro passou de 1,92% para 1,19% em abril, devido à acomodação dos preços de diversos produtos em função das condições climáticas adversas nos meses anteriores; a batata inglesa apresentou variação de 22,26%, ante 35,05% em março; o feijão-carioca passou de 11,81% para 4,71%; e o leite longa vida avançou 3,37%, ante 5,17% no mês imediatamente anterior. Os grandes destaques dos alimentos ocorreram em tomates, cuja variação no mês passou de 32,85% para -1,94%, e as Hortaliças, cujo índice passou de 9,36% para -1,00%. Já o grupo de Transportes variou 0,32% em abril, ante 1,38% em março, reflexo da queda dos preços das passagens aéreas, que recuou 1,87% ante avanço de 26,49% no mês anterior. Outro fator importante foi a desaceleração dos preços de etanol, que passou de 4,17% em março para 0,59% em abril.

Entre as categorias que apresentaram acréscimos em abril, destaque para Habitação, que passou de 0,37% para 0,87%, e Saúde e Cuidados Pessoais, cuja variação foi de 1,01%, ante 0,43% em março. O aumento dos preços de Habitação decorreu do reajuste da conta de energia elétrica, cujo avanço foi de 1,62% devido ao aumento de preços em algumas Regiões Metropolitanas. No caso do grupo de Saúde e Cuidados Pessoais, o avanço deveu-se ao aumento nos preços dos remédios, cuja alta foi de 1,84%. Comunicação e Vestuários passaram de -1,26% para 0,02% e 0,31% para 0,47% em abril, respectivamente.

Nas Regiões analisadas pelo IBGE, as maiores variações foram vistas em Porto Alegre, Fortaleza e Curitiba, de 1,08%, 1,08% e 0,88% em abril, ante 0,93%, 0,70% e 1,00% em março, respectivamente. Já as menores variações foram registradas em Belém, São Paulo e Rio de

Janeiros, cujas taxas de variação foram de 0,52%, 0,47% e 0,42%, ante 0,53%, 0,93% e 1,28% em abril. No acumulado em 12 meses, as maiores variações foram registradas no Rio de Janeiro (7,69%), Porto Alegre (6,84%) e Curitiba (6,63%). Já as menores foram registradas em Vitória (2,35%), Campo Grande (2,86%) e Belém (4,15%).

Produção industrial na China cresce 8,7% e vendas no varejo avançam 11,9% em abril

A Produção Industrial na China apresentou crescimento de 8,7% na variação interanual (em relação ao mesmo mês do ano anterior) em abril, de acordo com dados divulgados na madrugada de hoje (13/05) pelo Departamento de Estatísticas Oficiais (NBS) do país. O resultado apresentado frustrou as expectativas do mercado, que esperava uma produção de 8,9% na mesma métrica. Tal fato mostra leve desaceleração em relação ao resultado em março (8,8%). Na variação mensal, na base dessazonalizada, a produção industrial avançou 0,82%, ante 0,80% no mês imediatamente anterior.

Entre os três grandes setores da indústria, a Indústria de Mineração apresentou avanço de 4,5% na variação interanual, enquanto que a Indústria de Transformação - componente extremamente importante da economia chinesa - cresceu 9,8%. O setor de Serviços Industriais de Utilidade Pública apresentou elevação de 3,4% em abril.

Entre os setores específicos analisados, registraram desaceleração a produção de Cimento, que passou de 5,9% para 3,9% em abril, na variação interanual, e Eletricidade, cuja produção passou de 6,2% para 4,4%. Todavia, registraram acréscimos as produções de Aço, que passou de 5,0% para 5,4%, e Automóveis, cuja variação interanual passou de 7,3% em março para 7,9% em abril.

Também foi divulgado pela NBS na madrugada de hoje as Vendas no Varejo da China, que desaceleraram em relação a março (12,2%), chegando a 11,9% em abril na variação interanual. O resultado veio abaixo das expectativas de mercado que esperava a manutenção do ritmo de crescimento. Na variação mensal, já expurgados os efeitos sazonais, as vendas no varejo apresentaram variação de 0,83%, ante 1,24% em março, resultado que mostra desaceleração.

As vendas nas áreas urbanas avançaram 11,7% em abril, na variação interanual, enquanto que na área rural o avanço foi de 13,2%. Em relação aos setores específicos, destaque para as vendas de petróleo e produtos derivados (8,0%) e automóveis (12,3%).

Os resultados da China apresentam clara desaceleração da atividade econômica do país. Apesar das medidas do governo de estímulo ao crédito, a mudança do motor de crescimento do país para o consumo e, assim, a condução para um modelo de crescimento mais sustentável, reduz o crescimento baseado em investimento. Para esse ano, o governo projeta um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 7,5%, a mesma previsão do Fundo Monetário Internacional (FMI), e abaixo do crescimento de 2013 (7,7%).

Confiança da Indústria recua 5,1% em maio

O Índice de Confiança da Indústria apresentou recuo de 5,1% em maio, já expurgados os efeitos sazonais, de acordo com dados divulgados hoje (28/05) pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). O índice apresenta queda maior do que divulgada pela prévia (-4,6%) e com maior força do que no mês imediatamente anterior (-0,6%), além de ser a maior retração registrada desde dezembro de 2008 (-9,2%). Com esse resultado, o índice chegou a 90,7 pontos em maio, ante 95,6 pontos em abril.

Tanto o Índice de Situação Atual (ISA) quanto o Índice de Expectativas (IE) apresentaram fortes recuos, de 5,1% e 5,0%, respectivamente. No mês anterior, o ISA e o IE apresentaram variações de 0,7% e -2,0% em abril, na base dessazonalizada. A piora do ambiente de negócios e a baixa confiança em relação ao futuro derrubaram os índices. Já o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) passou de 84,1% para 84,3%.

A proporção de empresas que considera o nível de demanda como forte caiu de 11,5% para 8,3%, enquanto que a parcela que considera o nível de demanda como fraco passou de 17,3% para 21,0%. Já a parcela que considera que haverá aumento na produção nos próximos meses recuou de 27,1% para 22,4%, enquanto que a proporção que acredita que nos próximos meses a produção deverá diminuir passou de 12,0% para 15,3%.

Banco Central: Atividade econômica apresenta baixo desempenho no primeiro trimestre

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), proxy mensal para o PIB, apresentou recuo de 0,11% na passagem de fevereiro para março, resultado inferior ao projetado pelo Depecon/FIESP (0,22%) e pelo mercado (0,00%). O resultado ocorreu após o índice ficar praticamente estável (0,02%) na leitura de fevereiro. Todos os dados foram sazonalmente ajustados.

A despeito da queda em março, o índice refletiu a queda mais forte do que esperado nas vendas do varejo ampliado (-1,2%), bem como o recuo de 0,5% da produção industrial na passagem de fevereiro para março. Os índices refletem a queda nas vendas de Material de Construção (-3,1%) e Veículos, Motos, Partes e Peças (-0,6%), além da menor produção de Bens de Capital e Bens de Consumo Duráveis, que recuaram 3,6% e 2,5% na passagem de fevereiro a março, respectivamente, livres de influências sazonais.

Já em relação ao mesmo mês do ano anterior, o índice exibiu queda frente ao resultado de fevereiro, visto que sua taxa de variação passou de 4,04% para -0,09%. Já em relação ao acumulado em 12 meses, o IBC-Br exibiu crescimento de 2,11% nesta leitura, refletindo desaceleração frente aos 2,42% exibidos em fevereiro, além de acumular ganhos de 1,56% no ano.

Para o primeiro trimestre de 2014, foi visto aceleração na atividade econômica brasileira, conforme aponta o Banco Central. Segundo a estimativa atual, o índice que havia apresentado leve queda (-0,04%) no último trimestre de 2013, apresentou variação de 0,29% entre janeiro e março, frente os três meses anteriores, após ajuste sazonal. Esta movimentação não deve ser vista no resultado do PIB do primeiro trimestre, visto que se espera um arrefecimento frente ao último resultado do ano passado

Confiança do Consumidor recuou 3,3% em maio

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) apresentou recuo de 3,3% em maio, já expurgados os efeitos sazonais, de acordo com dados divulgados hoje (23/05) pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Com isso, o índice passou de 106,3 para 102,8 pontos, chegando ao menor nível desde abril de 2009. No mês anterior, o ICC havia recuado 0,8%. Pelo 16º mês consecutivo, o ICC se manteve abaixo da média histórica recente.

Tanto o Índice de Situação Atual (ISA) quanto o Índice de Expectativas (IE) contribuíram negativamente em maio. O ISA recuou 3,9%, enquanto que o IE registrou queda de 2,9%. No mês anterior, o ISA havia variado negativamente em 1,9%, ao passo que o IE havia apresentado declínio de 0,4%.

A percepção com a situação econômica piorou entre os consumidores entrevistados pela FGV. A parcela de consumidores que avalia a situação econômica como boa passou de 22,5% para

19,2%, ao passo que a proporção que avalia a situação econômica como ruim avançou de 13,2% para 14,1%.

O indicador que mede o grau de otimismo da situação financeira familiar, por sua vez, afetou profundamente o ICC ao apresentar recuo de 3,4% em maio. A porcentagem de consumidores que consideram que a situação financeira familiar vai melhorar no futuro passou de 35,6% para 32,0%, enquanto que os que preveem piora passou de 6,5% para 7,3%.

PIB cresce apenas 0,2% no primeiro trimestre de 2014

Na manhã desta sexta-feira (30/05) o IBGE divulgou o resultado do PIB (Produto Interno Bruto) do primeiro trimestre de 2014. De acordo com o instituto, o PIB a preços de mercado apresentou crescimento de 0,2% em relação ao último trimestre de 2013, após ajustes sazonais. O resultado veio exatamente como projetado pelo Depecon/FIESP e pelo consenso do mercado, mostrando desaceleração frente ao resultado aferido de outubro a dezembro do ano passado (0,4%, dado revisado). Na comparação com os primeiros três meses de 2013, foi registrado alta de 1,9% no produto do país, sendo esta taxa trimestral a mais fraca desde o fim de 2012, nesta base de comparação. No acumulado em quatro trimestres findos no primeiro trimestre deste ano, o PIB saltou 2,5%, em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Cabe destacar nesta leitura a inclusão da nova Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF) nos cálculos do resultado do PIB do primeiro trimestre deste ano, bem como a revisão dos dados referentes ao resultado de 2013 (onde o crescimento da PIM-PF foi revisado de 1,2% para 2,3%). A inclusão da nova pesquisa, que tende a refletir melhor a atividade industrial, levou a revisão do crescimento do PIB em 2013 de 2,3% para 2,5%. Pela ótica da oferta, as alterações mais significativas foram vistas no resultado da Indústria Total (de 1,3% para 1,7%), sobretudo na Indústria de Transformação (de 1,9% para 2,7%). Na Indústria de Construção Civil, o PIB foi revisado para baixo (de 1,9% para 1,6%), enquanto que a Indústria Extrativa viu sua contração ser amenizada (de -2,8% para -2,2%). A atividade SIUP (Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana) permaneceu inalterada em 2,9%. O setor de Serviços (de 2,0% para 2,2%) também foi impactado, dado o encadeamento da atividade da Indústria com o Comércio (que teve seu PIB em 2013 revisado de 2,5% para 2,9%). Pela ótica da demanda, o destaque ficou com os Investimentos, visto que a Formação Bruta de Capital de 2013 foi revista para 5,2%, abaixo dos 6,3% reportado anteriormente, refletindo o menor crescimento de bens de capital conforme divulgados pela PIM-PF reformulada.

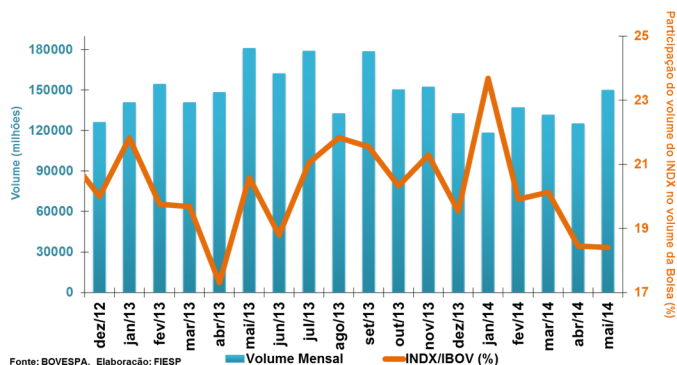
Em relação ao comportamento do PIB no primeiro trimestre deste ano, em comparação com o trimestre imediatamente anterior e descontando os efeitos sazonais, temos que, sob a ótica da oferta, o PIB apresentou crescimento de 0,2%. Enquanto o setor de Serviços (0,4%) e Agropecuária (3,6%) avançaram em relação aos três últimos meses de 2013, a Indústria mostrou recuo de 0,8%, em linha com a queda de 0,4% apresentada pela PIM-PF no primeiro trimestre do ano. A queda ficou concentrada nas indústrias de Transformação (-0,8%) e da Construção Civil (-2,3%), que foram impactadas por fatores externos no primeiro trimestre (como a queda da demanda externa de importantes parceiros comerciais, como a Argentina), além do comportamento adverso da conjuntura doméstica (fortes quedas nas confianças dos empresários e alta do juros, entre outros fatores). A indústria Extrativa (0,5%), por sua vez, conseguiu repetir a terceira taxa positiva consecutiva neste primeiro trimestre, frente ao trimestre imediatamente anterior, enquanto a SIUP, com alta de 1,4%, exibiu a expansão mais forte dentre os setores industriais, refletindo a maior demanda por energia neste primeiro trimestre.

Ainda pela ótica da oferta, o PIB de Serviços desacelerou de 0,7% para 0,4%, refletindo a queda de 0,1% do Comércio e de 5,2% nos Serviços de informação, em linha com o arrefecimento nas vendas no varejo. Destaque positivo para Agropecuária, que após mostrar recuo de 0,5% no último trimestre de 2013, exibiu crescimento de 3,6% nesta leitura, explicado pelo elevado abate de bovinos e forte crescimento da produção de grãos, conforme estimado pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do IBGE, que avaliou que quase 50% da produção total estimada de soja para o ano foi concentrada neste primeiro trimestre.

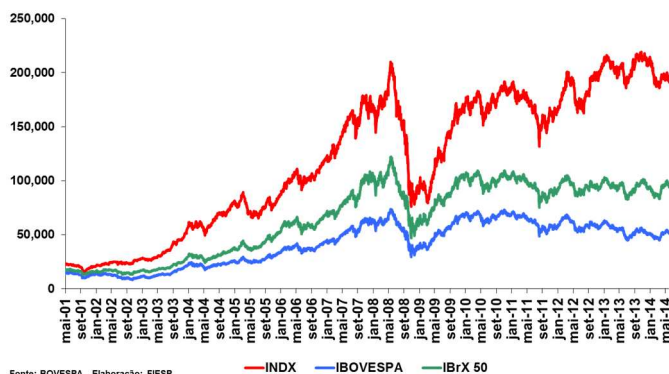
Sob a ótica da demanda, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) foi o destaque. Após recuarem 2,0% no terceiro e 1,2% no último trimestre de 2013, os investimentos mostraram queda de 2,1% de janeiro a março deste ano, comparado aos três meses anteriores, após ajuste sazonal, em linha com o desempenho negativo da construção civil e do enfraquecimento do consumo aparente de bens de capital neste período, somado ao fato da confiança do empresário industrial situar-se em níveis historicamente baixos. O Consumo das Famílias recuou 0,1% nesta leitura, após ter crescido 0,9% no último trimestre do ano passado, em linha com a desaceleração do consumo. O Consumo do Governo (ou Administração Pública), por sua vez, cresceu 0,7%. Já no que se refere ao setor externo, as Exportações caíram 3,3% neste primeiro trimestre, ao passo que as Importações cresceram 1,4%, em igual período de comparação.

Anexo: Gráficos e tabelas complementares

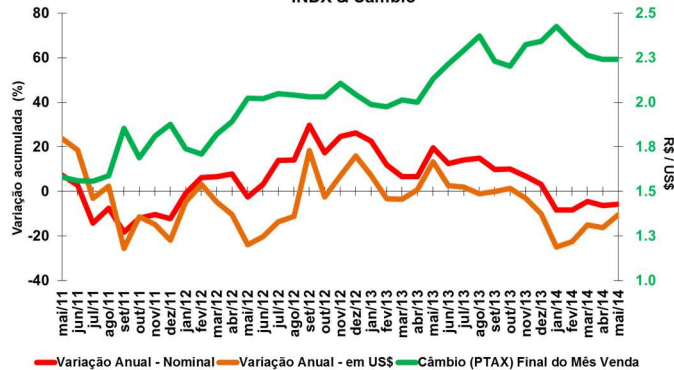
Volume Mensal de Negociações (Dez/12 a Mai/14)



Índices de Ações (Mai/01 a Mai/14)



INDX & Câmbio



Índices de Ações INDX/IBrX-50
(Maio/11 - Maio/14)



INDX – ANÁLISE MENSAL

CORRELAÇÃO	INDX	IBOVESPA	IBRX 50
INDX	1.00		
IBOVESPA	0.88	1.00	
IBRX 50	0.32	0.32	1.00

BETA	INDX C/ IBOV	0.73
	INDX C/ IBRX50	0.10
	IBRX 50 C/IBOV	0.88

VOLATILIDADE	INDX	24.80
	IBOVESPA	29.79
	IBRX 50	81.23

Período: 30/12/1999-30/05/2014

As informações contidas neste documento são publicadas apenas para auxiliar os usuários, podem não ser adequadas aos objetivos de investimentos específicos, situação financeira ou necessidades individuais dos receptores e não devem ser considerados em substituição a um julgamento próprio e independente do investidor. Por ter sido baseado em informações tidas como confiáveis e de boa fé, não há nenhuma garantia de serem precisas, completas, imparciais ou corretas. As opiniões, projeções, suposições, estimativas, avaliações e eventuais preço(s) alvo(s) contidos no presente material referem-se a data indicada e estão sujeitos a alterações a qualquer tempo sem aviso prévio. Este documento não é, e não deve ser interpretado como, uma oferta de venda ou solicitação de uma oferta de compra de qualquer título ou valor mobiliário. Nem a FIESP e nem qualquer sociedade por ela controlada ou a ela coligada podem estar sujeitas a qualquer dano direto, indireto, especial, secundário, significativo, punitivo ou exemplar, incluindo prejuízos provenientes de qualquer maneira, da informação contida neste material. Este material é para uso exclusivo de seus receptores e seu conteúdo não pode ser reproduzido, redistribuído publicado ou copiado de qualquer forma, integral ou parcialmente, sem a expressa autorização prévia da FIESP.